

## A língua II.

Platon diz, não me lembro aonde, que o pensamento e a língua são idênticos exceto que o pensamento é a conversação da alma consigo mesma. Isto prova que para a visão profunda desse pensador inspirado a língua e o espírito se fundem. E a Bíblia diz a seguinte história curiosíssima que vou citar verbalmente: (Genesis 11, 6) "E o Senhor falou: Eis que o povo é um e todos tem uma mesma língua, e isto é o que começam a fazer. E agora não haverá restrição para tudo que eles intentarem fazer. Desçamos e confundamos ali a sua língua." A análise dessa passagem revela, creio, o seguinte: Existia uma língua universal e perfeita, da qual as línguas atuais são meros resíduos confusos. Essa língua original era capaz de fazer a humanidade onipotente, de tornar a humanidade divina. A posse da língua perfeita é idêntica com a posse da realidade. Considerem, finalmente, a primeira frase do evangelho segundo São João: "No princípio era o verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus." Temos aqui três juízos antiquíssimos sobre a língua: um filosófico, um mitológico e um místico, mas, ontologicamente são juízos equivalentes; afirmam a identidade entre a língua e a realidade. Em vista das fontes que citei: Platon e o Antigo e Novo Testamentos, portanto os três pilares básicos do pensamento ocidental, parece incrível que o estudo da língua não forma o centro de todas as nossas ciências, religiões e filosofias. A explicação deve ser procurada na tentura que nos ataca quando olhamos para o abismo da língua. O nosso espírito se recusa a contemplar o núcleo da língua, porque essa contemplação é como que um virar dos olhos para dentro. A tentativa de contemplar a língua é idêntica com a tentativa de pensar o pensamento. Quem jamais se esforçou de perpetrar essa acrobacia, conhece o abismo que mencionei, e que ilustrarei da seguinte maneira: Na Tchecoslovaquia existia uma caixa de fosforos que vinha com uma etiqueta com a figura da própria caixa. Nessa figura aparecia, naturalmente, a imagem da etiqueta, a saber a caixa de fosforos com índice tres, e assim ad infinitum. Naturalmente as caixas de fosforos com índices mais altos já não eram visíveis, todas essas caixas com índice quatro a quatro bilhões se fundiam num unico desenho indeterminado e borrado, mas a contemplação desse desenho borrado era como que a contemplação de um infinito que tendia para o zero. É justamente essa regressão infinite tendendo para o nada que nos deixa tontos. A cada passo o poço se torne mais estreito, a esperança de alcançarmos o fundo do poço aumenta a cada passo, mas essa esperança é possível somente se avançamos gradativamente. A visão total do poço revela como é desesperada a nossa tentativa. Torna-se portanto compreensível porque o pensamento humano se recusa a aceitar essa visão total do poço da língua, para progredir passo a passo. Mas esses passos individuais, representados pela filologia, linguística, semântica, logicística, pelos estudos fonéticos, gramaticais e etimológicos de palavras específicas e assim por diante, e também os passos em direção da matemática e da filosofia da língua, deixam escapar por entre os dedos justamente aquilo que foram buscar: o poder ontológico da língua. E aqueles que capturam esse poder, os poetas, os musicos, os pintores, os místicos, o capturem, paradoxalmente, de forma inarticulada. Eles não descem passo a passo para dentro do poço da língua, eles se precipitam dentro dele em queda mda, em mergulho suicida. Há, no entanto, uma terceira possibilidade de contemplação, há a possibilidade da epoché, da contemplação distanciada, da redução fenomenológica da língua. Ela consiste numa síntese entre a descida gradativa e o mergulho suicida, numa síntese entre ciência e poesia, entre etimologia e visão mística, por exemplo. É essa possibilidade que proponho seja explorada.

A língua II

Esta primeira aproximação ao conjunto dos problemas que se agrupam em redor da língua, é necessário restringir-lhe o escopo, limitar o campo, e estabelecer uma definição provisória, uma working definition, do conceito "língua". Essa definição, aceita com todas as devidas reservas e com a resolução de abandoná-la na medida do progresso das nossas pesquisas, será a seguinte: A língua é o conjunto de símbolos acústicos e ópticos que significa o mundo. Nessa definição a língua abrange todas as línguas humanas, e também possíveis línguas de marcianos e anjos, abrange certas manifestações no comportamento animal, abrange, finalmente, todo o mundo fenomenal que é interpretado, pelos cristãos, como simbólico, e portanto como língua de Deus, como discurso divino dirigido aos homens. Portanto, a nossa definição é vasta demais e precisa ser restringida da seguinte forma: A língua é o conjunto de símbolos acústicos e ópticos produzidos pelos homens para significar o mundo. Essa definição abrange tudo que communmente chamamos de língua, e ainda fenómenos tais como a matemática, a magia e a arte. Não vejo necessidade de restringir a minha definição ainda mais, somente para me aproximar mais do sentido comum da palavra "língua", e me contentarei por enquanto com ela.

Ao lançar um rápido olhar pela cena oferecida pelas línguas assim definidas verifico que existem dois tipos de línguas bem distintos: um consiste em símbolos fornecidos pelo anonimato da sociedade humana, e o outro consiste em símbolos fornecidos ad hoc por certos indivíduos interessados. Chamarei o primeiro tipo de "língua natural" e o segundo de "língua artificial", e me apressarei a declarar, que essa distinção é arbitrária e forçada. Não encontro nenhuma língua que seja ou integralmente natural, nem inteiramente artificial pelo critério estabelecido. Uma língua natural e artificial são ideais nunca alcançados. O Português se aproxima do ideal de uma língua natural, e o simbolismo logicista se aproxima do ideal de uma língua artificial, sem alcançar esses ideais inteiramente. Descubro, facilmente, dentro do português, elementos artificiais, inventados ad hoc por indivíduos interessados, por exemplo a palavra "televisão", e descubro, com igual facilidade, elementos naturais dentro do simbolismo logicista, isto é elementos fornecidos pelo anonimato da sociedade, por exemplo o símbolo "igual a". Não obstante, a distinção entre línguas artificiais e naturais continua prática e manterei ela até segunda ordem. Poderei construir uma pirâmide hierárquica entre as línguas, em cuja base colocarei as línguas quase naturais, como o Português e o Bantu, e em cujo cume colocarei as línguas quase artificiais como o simbolismo matemático e logicista. No centro da pirâmide e em posição a ser fixada posteriormente colocarei as línguas intermediárias, como o simbolismo mágico, a música, a pintura, a língua poética e o simbolismo místico por exemplo da kabala. E poderei dizer, tentativamente e até segunda ordem, que as línguas artificiais emergiram das línguas naturais, que a arte, a mística, a magia e a lógica, e portanto a ciência e a religião, são consequência das línguas naturais fornecidas pelo anonimato da sociedade humana. Repito que isto é uma declaração tentativa que estou pronto a retirar a qualquer momento.

Dedicarei esta quarta-feira a um rápido esboço das línguas naturais, berços hipotéticos de toda a civilização humana. Sabemos que existe um número considerável, mas não excessivo, de línguas naturais, que se distinguem entre si pelas características seguintes: (1) Consistem em símbolos diferentes, em palavras diferentes, (2) os símbolos são organizados entre si de acordo com regras diferentes, (3) os símbolos, se produzidos acusticamente, diferem em melódia e em ritmo, e se produzidos ópticamente, diferem em forma, em outras palavras, as línguas diferem entre si esteticamente e (4) os sím-

A língua III

bolos produzem efeitos praticos diferentes; as linguas diferem entre si eticamente. Somos acostumados de considerar somente as diferenças um e dois, e portanto dedicarei uma discussão futura á consideração das diferenças esteticas e eticas entre as linguas. Por enquanto passarei por cima desse problema. Esquecerei a razão pela qual chamamos o italiano uma lingua melodiosa, e o hebraico uma lingua santa, e me ocuparei somente da razão pela qual chamamos o portuguez uma lingua romana e o tibetano uma lingua aglutinativa.

Por razões a serem consideradas futuramente, o espirito ocidental tende a agrupar os fenomenos que lhe são apresentados em conjuntos organizados. Ele não se satisfaz em aceitar a multiplicidade das linguas naturais, mas tende a organiza-las entre si, a indicar-lhes suas niches dentro de um todo. Os criterios pelos quais essa organização é feita são arbitrarios em alto grau, e, em teoria, a organização das linguas entre si é uma questão de gosto. Eu posso, por exemplo, juntar o alemão, o grego e o sanskritto numa familia e dizer, que estas são linguas eminentemente filosoficas, ou posso juntar o hebraico, o arabe e o pahlevi e dizer que essas são linguas da revelação divina. Mas, dentro da reconhecida limitação da subjectividade dos criterios posso me esforçar por um maximo de objectividade, e posso tentar organizar as linguas de acordo com os seus aspectos etimologicos, e é isto que fazem as ciencias das linguas. É caracteristico para o conjunto dos problemas em consideração, que esse criterio funciona relativamente bem, quando aplicado ás nossas linguas accidentais, mas falha redondamente quando aplicado ás linguas do Oriente extremo ou ás linguas chamadas primitivas. Nesses casos o criterio etimologico precisa ser auxiliado pelo criterio formal da organização dos simbolos, pelo aspecto do syntax. Mesmo assim, o que surge dos nossos esforços organizatorios é um edificio muito periclitante, dentro do qual muitas linguas tem lugares duvidosos, e outras se recusam a serem enquadradas. Acresce que toda a nossa atividade organisatoria é informada por tendencias darwinistas, somos propicios a conceber as linguas como seres vivos, aparentados entre si e descendentes de antepassados comuns, concebemos as linguas como familias e tribus. Mas, falar-se em lingua como em ser vivo que nasce, se desenvolve, procria e morre, é, nos melhores dos casos, uma metaphore poetica, e no pior dos casos, é simplesmente falso. Não somente porque linguas podem morrer e rescusitar, (casa raro em seres vivos), mas principalmente porque as linguas não tem uma individualidade bem definida como pai e filho. A transição entre o latim e o portuguez ilustra o que tenho em mente. Alias, a fluidez, a indefinibilidade da lingua e a sua pontidão de misturar-se e separar-se de outras, será um tema importante de discussões futuras. O nosso darwinismo, portanto, faz com que a imagem que temos do edificio das linguas, seja, a priori, uma caricatura. Mesmo como caricatura, no entanto, serve, até certo ponto, como sistema de referencia no labirinto das linguas, e como este é o sistema geralmente aceito, vou esboça-lo em traços largos:

Existem tres troncos principais, tres arvores majestosas e frondosas no jardim das linguas humanas. O primeiro tronco brotou do chão fértil do proximo Oriente, e é chamado o tronco das linguas flexiveis, das linguas indogermanicas, hamiticas e semitas. O segundo tronco brotou das estepez semi-aridas da Asia central, e é chamado o tronco das linguas aglutinantes, das linguas fino-ugras, turcas, mongolicas, coreanas e japonezas. O terceiro tronco brotou da terra gorda do Jantse, do Huangho, do Mekong, e é chamado o tronco das linguas isolantes, das linguas chinezas, himalaicas, tibetanas e siamesas. Entre esses tres troncos e no resto do

-4-

### A língua LL.

Adm prolifera o mato das outras línguas, arbustes complicados como as moitês das línguas indonesias, polinésias, melanesias, índias, sudanesas, bântu, ou florzinhas modestas e isoladas, como o papua, o drávida, o australiano, o hotentote, o vambutu. Todas as tentativas de relacionar orgânicamente esse mato com os três troncos, ou de relacionar os três troncos entre si, provaram ser futeis. É verdade que este problema de procurar paralelos entre essas línguas estranhas, e paralelos entre elas e as nossas, é fascinante, como qualquer problema que se relaciona com a língua, mas abandonarei o campo por ser demasiadamente especializado.

As civilizações que surgiram dos troncos das línguas flexíveis e isolantes chamamos de civilizações adiantadas, as civilizações que surgiram do mato das línguas não organizáveis chamamos de civilizações primitivas, e as civilizações que surgiram do tronco das línguas aglutinantes chamamos de negativas, porque as detestamos. Detenhamo-nos um instante ante essa circunstância de significado profundo. Para nós a história da humanidade se restringe, principalmente, á história dos povos de línguas flexíveis. Os egípcios, os babilônios, os hindus, os persas são, para nós, a fonte da civilização, porque podemos compreender, se bem que com dificuldade, as suas línguas, são todas elas flexíveis, e portanto podemos traduzir os seus pensamentos. Reconhecemos ainda, mas a contragosto, uma segunda supercivilização, a que surgiu das línguas isolantes. Os chineses, os tibetanos, os siameses nos são incompreensíveis, mas, como demonstrarei no futuro, são o verso da nossa medalha, e portanto compreensíveis negativamente. As línguas isolantes funcionam exatamente de maneira oposta ás nossas, tendem a demolir os restos de ligações lógicas e éticas entre os símbolos, para fortalecer um conjunto nebuloso e estético das palavras (que quase não são mais palavras), enquanto que as línguas flexíveis tendem a demolir os restos de uma nebulosidade estética, para substituí-la por relações lógicas e, em grau menor, éticas entre as palavras. Por serem as línguas isolantes tão contrárias ás nossas, se tornam quase compreensíveis por traz, se me permitem exprimir-me assim á maneira chinesa. As civilizações que surgiram do tronco de línguas aglutinantes, caracterizadas por nomes como Atila, Tamerlan, Djengis-Khan, Osman e Petliura, são, para nós, flágelos de Deus. As incursões devastadoras das hordas de línguas aglutinantes não tiveram o caráter frutificante das invasões de povos de línguas flexíveis, como a dos germanos e eslavos em território romano, ou dos árabes em territórios persas e índus, porque as línguas aglutinantes são mundos incompreensíveis e inassimiláveis. As civilizações que surgiram das línguas não classificadas são por nós chamadas primitivas, mesmo em casos tão evidentemente inapropriados como na civilização polinésia ou maya. Isto porque os mundos dessas línguas são, não sómente inacessíveis, como no caso das línguas aglutinantes, mas até para nós inexistentes. O mundo dos polinésios, por exemplo, não existe para nós, o que existe é um mundo nosso mal compreendido pelos polinésios, e portanto primitivo. Concebemos os polinésios da mesma maneira como Hollywood concebe os italianos, a saber como um povo que fala um inglês errado e primitivo. Todos esses problemas de importância capital para a compreensão da força ontológica da língua serão discutidos quando trataremos da tradução com suas consequências imprevisíveis.

Antes de tratar das línguas flexíveis, portanto do nosso mundo no sentido estrito da palavra "mundo", direi umas poucas palavras rápidas sobre as línguas isolantes e aglutinantes, para satisfazer-lhes a curiosidade. Na-

turalmente, as minhas palavras serão flexíveis e portanto falsificarão tudo a ser dito. As línguas isolantes, quando pronunciadas, consistem em umas poucas sílabas, e quando escritas, em centenas de milhares de ideogramas, exatamente oposto às nossas línguas que consistem, quando escritas, em umas poucas letras, e quando pronunciadas, em dezenas de milhares de palavras. As sílabas adquirem significado pela melodia e pelo lugar que ocupam no discurso (não se pode falar em frases). Uma sílaba isolada não tem significado, e portanto não pode ser chamada palavra. Portanto não existem substantivos, verbos, preposições, etc. em nosso sentido da palavra. Não existe gramática, não existe syntax. Existe um todo estético, com uma aura de significado que pervade todo o discurso, e que se manifesta pelo ritmo, pela melodia, pela ênfase daquilo que está sendo dito, e que dá um significado secundário às sílabas individuais, e não vice versa. Nas nossas línguas são as palavras que dão significado ao discurso, lá é o discurso que dá significado às sílabas isoladas. Todo aquilo que nós chamamos categoria, como tempo, causalidade, modo de ser, e assim por diante, lá não existe a priori, como nas nossas línguas, em forma de verbos, ou substantivos, ou conjunções, mas surge a posteriori como resultado da qualidade estética do conjunto. O conjunto, a qualidade estética, não é dado a priori dentro das línguas isolantes, é um Kant chinês, se esse absurdo for imaginável, construiria uma razão teórica exatamente inversa. Quanto às línguas aglutinantes, elas consistem em um mingau de preposições e postposições, coladas uma à outra sem nenhum núcleo que possa ser considerado como centro da palavra. Alias, não existem palavras em senso estrito, existem somente frases. Ou existe uma infinidade de palavras, tantas palavras quantos discursos. A riqueza de nuances deve ser tremenda. Sei que por exemplo em eskimo pode ser expresso em uma palavra o anel isento de neve que surge debaixo de uma árvore depois de uma noite de nevada, e que essa palavra nada tem em comum com a palavra "neve", ou "vento", ou "noite", simplesmente porque essas palavras não existem naquela língua. Em vista do horror que temos por um mundo assim que deve consistir somente em nomes próprios, se é que se pode traduzir assim um conceito nosso para um mundo estranho, estou tentado a lhes comunicar o seguinte pensamento. De todas as nossas línguas é o alemão que mais se aproxima das línguas aglutinantes, com monstros como Donaudampfschiffahrtsgesellschaftsdirktorenausschuss. Talvez assim se explica o terror dos teuto-nicos que se apodera às vezes da Europa. Mas retiro este pensamento porque sei que o caráter das línguas aglutinantes é totalmente diverso das palavras compostas de nossas línguas, que não são mais do que abreviações de frases gramaticalmente analisáveis. Passo a tratar, pelo resto desta noite e pelo espaço de toda a quarta-feira vindoura, das línguas flexíveis. Hoje me limitarei a discutir, rapidamente, alguns aspectos das línguas semíticas. São nossas parentes próximas e portanto até certo ponto compreensíveis. Em primeiro lugar é preciso dizer que as palavras semíticas consistem em consoantes fixas e em vogais variáveis. As consoantes são fixas de uma maneira muito mais radical que as nossas. É inconcebível que na palavra "sefer" (livro) o "f" mude para "p" com a facilidade com o "libro" se transforma em "livro". Em compensação são as vogais tão variáveis que não são nem escritas. Tanto faz dizer-se "sefer", "safer", "sefar" e assim por diante, sempre significa "livro", se bem que a qualidade da palavra sofreu uma modificação sutil. Esta circunstância faz com que as palavras semíticas, se comparadas com as

em nome de Jesus  
mea excelsa  
na boneca oboro  
go e sei qto  
polistenta, se  
Ve Jesus  
e a  
Luta  
A II

A lingua II.

nossas, sejam mais rígidas quanto a sua estrutura e mais flexíveis quanto a sua forma. E isto é verdade não sómente das palavras, mas também de todo o pensamento semita. É necessário dizer, para completar essa imagem, que existem dois consonantes que são escritos, mas quase não pronunciados, mas são sentidos instintivamente quando a palavra é pronunciada. Chamam-se alef e ain. A despeito de não pronunciados são tão fixos quanto os demais consonantes, o que prova a função formal e estrutural dos consonantes. Para dar um exemplo que ilustra bem o espirito das linguas semíticas, direi o seguinte: os dois consonantes alef e "l" significam deus. Em todas as palavras aonde aparece esse par de consonantes, seja ele pronunciado como quizer, a ideia do divino persiste. Isto é verdade em hebraico, aramaico, árabe, babilônico, púnico ou qualquer outra lingua semita. Existe um outro grupo que consiste em ain e "l" e portanto pronunciado da mesma maneira. Mas esse grupo significa uma direção, parecido com o latim "ad". Esse significado é mantido sempre que esse grupo dos dois consonantes aparece. É preciso ainda dizer que existe um consonante, o "v", que está em vias de se tornar vogal, e portanto não é tão fixo quanto os outros. Isto porque existe um outr "v", irmão gêmeo do "b", que é um consonante fixo. Digo tudo isto para lhes dar uma ideia da estrutura formal e quase pictórica das linguas semitas. Se a matemática tivesse surgido do hebraico e árabe, ao envez do indúz e latim, com certeza refletiria essa estrutura baseada em consonantes, ao envez de refletir a estrutura sintática das nossas linguas. Além, as consonantes semíticas tem valores numéricas, e existe toda uma ciência judaica e islâmica baseada sobre esse fato, ciência este em certo sentido paralela a logica formal e a matemática: refiro-me á kabala.

Não surprenderá, portanto, que os verbos, nas linguas semíticas, se distinguem dos substantivos por sua estrutura. Consistem, por via de regra, em tres consonantes, sehem que existem exceções, existem verbos defectivos. A conjugação do verbo consiste em adição de prefixos ou sufixos a esses tres consonantes. Mas o que mais importante ainda é a falta de verbos auxiliares. Não existe nem o verbo ser, nem estar, nem haver, existe sómente a palavra "jesh" que significa, com o nominativo, aproximadamente "há", e com o dativo significa uma posse. Uma análise fenomenologica dessa circunstancia deverá revelar uma ontologia semítica radicalmente diferente da nossa.

Limitarei-me a mencionar alguns aspectos do semítico que considero especialmente importantes para a penetração no seu segredo: Não existe presente. A diferença entre ativo e passivo é fluida ou não é expressa. Para aqueles entre Vocês que tem noção do grego direi que prevalece uma forma radical do aorist. Na declinação do substantivo é modificado o sujeito e não o objeto. (Como se, em latim, para dizer, -se o livro do homem não se dirá "liber hominis", mas "libri homo"). Não existe o neutro, mas existem primeiras, segundas e terceiras pessoas femininas, e existem todas as pessoas em negativo, como se se pudesse dizer em portuguez: tua falas, e nãoeu escrevo, sómente que, como já disse, o semítico não tem presente.

Basta de aspectos logicos, são assás ilustrativos. Falarei, um pouco, do aspecto estetico dessas linguas. Já disse que se pode penetrar no significado de uma palavra atravez da estrutura de seus consonantes. A palavra pode modificar-se em sua forma até tornar-se irreconhecível aos nossos olhos, mas para o semita ela conservará, junto com o seu significado novo, dos os significados dos grupos de consonantes da qual ela consiste. Como

A lingua II

se em portuguez, ao ouvirmos a palavra "admiravelmente" tivéssemos presente, imediatamente e de um golpe, os seguintes conceitos: O conceito "admiravelmente", o conceito "ad", o conceito "mirar", o conceito "mente", o conceito "milagre", o conceito da possibilidade que se esconde na silaba "vel", e assim por diante. Devido a essa qualidade ~~de~~ estetica das palavras semiticas todas elas tem uma profundidade e instabilidade de significado, irreproduzível em nossas linguas. Isto é a razão porquẽ nos dizem os entendidos que todas as traduções do Velho Testamento são simples reproduções do sentido superficial, e toda a santidade da palavra divina se perde, por ter sido perdido todo o segundo, terceiro e quarto significado da palavra. Darei um exemplo: As primeiras duas palavras da profissão de fé judaica são "Shema Israel" ou seja "ouça Israel". A primeira palavra é o imperativo do verbo "ouvir", ou "obedecer" ou "deixar" ou "fazer", em fim do verbo que se deriva da palavra "shem" que quer dizer "nome" com todos os significados que essa palavra possui tambem em nossas linguas. (A palavra "nome" é uma palavra magica, como sabemos) (nomen est omen). A segunda palavra "Israel", traduzida por "lutador para, ou com, ou contra Deus" é, na realidade, totalmente intraduzível. Alias, os muslim afirmam que o Alkoran não admite ser traduzido pelas mesmas razões, ainda mais evidentes no caso do arabe que é uma lingua ainda mais inflexivelmente baseada nos multiplos significados que decorrem da estrutura dos consonantes.

A poesia semitica se baseia, em nossos ouvidos, em repetições da mesma frase em diferentes palavras, por exemplo: "Como são belas tuas tendas Jacó, tuas moradas, Israel" ou "os montes salatarem como carneiros, e as colinas como ovelhas" ou "Tu és meu escudo e meu refugio". Captamos a beleza estranha e santa das suas imagens, mas o que perdemos inteiramente são as alusões secundarias e terciarias que surgem aos ouvidos semitas quando se lhes apresenta a mesma frase em duas formas, isto é em duas estruturas de consonantes.

Interrompo aqui as minhas considerações para continuar na proxima quarta feira. Espero ter aberto a primeira, pequena janela sobre a beleza ontologica que se esconde na lingua.